SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFG

ENSINO DE FÍSICA PARA ESTUDANTES CEGOS/AS NA CONCEPÇÃO DE LICENCIANDOS/AS

SOUSA, Carlos Daniel Rodrigues de

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí.

SOUZA, Maria Aparecida Rodrigues de

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Inhumas.

SOUZA, Rita Rodrigues de

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí.

O ensino de Física é, frequentemente, realizado por meio de recursos visuais, como gráficos, diagramas e fórmulas, o que representa desafios significativos para estudantes cegos/as. A inclusão desses/as estudantes, no ensino de Física, constitui um desafio para a formação docente. Nesse contexto, compreender como os/as licenciandos/as em Física, concebem o ensino inclusivo é fundamental para avaliar a formação docente e propor estratégias pedagógicas mais equitativas. Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar concepções, estratégias e desafios percebidos pelos/as licenciandos/as em relação ao ensino inclusivo de Física para estudantes cegos/as, investigando também se a formação inicial contempla discussões voltadas à educação inclusiva. Para tanto, a investigação focalizou estratégias e recursos que licenciandos/as em Física utilizariam para ensinar a Segunda Lei de Newton a estudantes cegos/as, bem como os obstáculos que identificam nesse processo. Trata-se de um estudo qualitativo, de campo e exploratório, realizado com licenciandos/as em Física do primeiro ao oitavo período, estudantes do Instituto Federal de Goiás, Câmpus Jataí. A coleta de dados ocorreu em duas etapas: aplicação de questionário eletrônico com quinze questões, entre objetivas e dissertativas, e realização de entrevista presencial com dois licenciandos selecionados pelo critério de variação máxima, ou seja, um que apresentou, no questionário,

avaliação mais positiva da formação em andamento em relação à inclusão; e, outro que evidenciou avaliação contrária a isso. Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo, com a organização em três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação das inferências. Os resultados evidenciaram uma lacuna significativa na formação inicial: 84,6% dos/as licenciandos/as relataram receio em ministrar aula para discente cego por falta de preparo, mesmo com 61,5% já tendo cursado disciplina sobre educação inclusiva. Apesar disso, 100% dos/as participantes demonstraram disposição em buscar métodos alternativos caso tivessem estudante cego/a. Nas questões discursivas, os/as participantes propuseram estratégias multissensoriais criativas, como experimentos táteis, analogias sensoriais, *podcasts* e maquetes. Nas entrevistas, identificou-se uma tensão entre a percepção da Física como disciplina essencialmente visual e a compreensão de que a adaptação metodológica é de responsabilidade docente. Conclui-se que a oferta de disciplinas teóricas sobre inclusão é insuficiente, urge, assim, a necessidade de reformulações curriculares que articulem teoria e prática inclusiva de maneira sistemática e transversal, superando a lógica de disciplinas isoladas e promovendo vivências formativas que preparem os/as futuros/as professores/as para a diversidade da sala de aula. Futuras pesquisas poderiam ampliar o escopo desta investigação para outras licenciaturas e outras instituições, como também acompanhar os/as egressos/as do curso em sua atuação docente efetiva, verificando se as concepções identificadas na formação inicial se mantêm ou se transformam na prática profissional.

Palavras-chave

ensino de Física; licenciandos/as; inclusão de estudantes cegos/as; formação docente.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Agradecemos ao CNPq pela bolsa concedida.